

HIS  
DARKEST  
CRAVING

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR  
TIFFANY ROBERTS

# Avisos



**A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA, INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.**

**O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA DIRETA OU INDIRETAMENTE.**

**SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM, AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS, O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.**

**PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS FEITOS POR NÓS EM BLOGS, PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.**

**NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS POR NÓS PARA AUTORES (AS), DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.**

**PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES COMPRANDO SEUS LIVROS, AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?**

**SAJEM  
WITCHES**  
*Traduções*

# Sumário

Sinopse

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

# *Síntese*

*A cabana isolada da floresta tinha como objetivo dar a Sophie um lugar para se esconder, curar e estar segura.*

Mas a partir do momento em que ela chega, ela não está sozinha. Ela vislumbra formas escuras pelo canto do olho, sente toques fantasmas e seus sonhos estão cheios de sombras sedutoras. O que ela primeiro confunde com ilusões de sua mente traumatizada logo se mostra muito mais...

*Uma entidade antiga, misteriosa e perigosa espreita na floresta - e ela quer Sophie.*

*Para quem eu anseio.*

# Capítulo 1

Sophie puxou a gola do casaco enquanto observava os carregadores saírem da varanda de sua nova casa.

*Casa.*

Essa não era bem a palavra certa para descrever este lugar. Este era um esconderijo, algum lugar onde ela pudesse se isolar e encontrar uma maneira de curar as muitas feridas que ela suportou nos últimos cinco anos. Era uma pequena cabana rústica e pitoresca na floresta, muito longe da cidade e dos subúrbios em que viveu a maior parte de sua vida, mas ela faria tudo o que pudesse para torná-la sua.

Um dos carregadores caminhou em direção ao caminhão enquanto o outro se aproximou de Sophie, uma prancheta na mão esquerda. Ela lutou contra o desejo de dar um passo para trás, abaixar os olhos e ficar o menor possível. Respirando fundo, ela se firmou.

*Eles não são todos ruins. Eles não são todos como ele.*

Ela soltou a respiração, forçou-se a encontrar os olhos do homem e devolveu o sorriso.

— Isso deve resolver! — disse ele, estendendo a prancheta para ela. — Só precisamos de uma assinatura, e iremos embora.

Sophie aceitou a prancheta e deu uma olhada na ordem de serviço antes de assinar seu nome na parte inferior. Os serviços eram pré-pagos e tudo parecia correto. Ela o devolveu ao homem. — Obrigada, especialmente por ter

vindo até aqui. Eu sei que as estradas são difíceis. Não consigo imaginar como voltar com aquele caminhão inteiro.

— Já passamos por coisas piores, e o patrão nos paga por hora. Isso significa que podemos ter um tempo extra cuidadoso. — Seu sorriso era caloroso e amigável. — Não quebramos nenhuma das suas coisas, e isso é tudo o que realmente importa.

— Isso é sempre uma coisa boa. — Ela enfiou a mão no bolso do casaco, tirou algumas notas dobradas e as estendeu para ele. — Obrigada de novo, sério.

Ele colocou a prancheta debaixo do braço e aceitou a gorjeta. — Uau, obrigado. Espero que você goste do seu novo lugar. — Ele deu um passo para trás e olhou ao redor. — Definitivamente lindo aqui. Tenha um ótimo dia, Srta. Davis.

Caminhando pela garagem, ele subiu no lado do passageiro da cabine do caminhão para se juntar a seu companheiro. O motor roncou enquanto ele fechava a porta. Foi um som estridente na floresta serena, mas o caminhão estava rapidamente em seu caminho, sacudindo ao longo da estrada de terra em direção à velha rodovia a oitocentos metros de distância. Sophie permaneceu onde estava até que não pudesse mais ver a caminhonete entre as árvores.

Ela desviou o olhar sobre as árvores circundantes. Sua vibrante folhagem vermelha, laranja e amarela farfalhou com a brisa, o que enviou mais folhas em uma jornada preguiçosa e caindo ao solo.

— É isso. — Ela disse com um suspiro. Sophie estava realmente sozinha agora, no meio do nada. A maioria das pessoas teria pensado que ela era louca por ter ido a tal extremo, mas ela *precisava* de paz e tranquilidade, precisava de

um santuário no qual pudesse se curar e recuperar sua vida sem viver sob uma sombra constante de medo.

Ela se voltou para a casa. Era uma pequena cabana de toras de um andar com uma porta de tela e uma varanda coberta, uma estrutura que não teria parecido incomum cem ou duzentos anos atrás. Havia muitas janelas para deixar entrar a luz natural e permitir uma visão clara da floresta ao redor, e ela não podia evitar sua empolgação com a ideia de usar o fogão a lenha pela primeira vez. O som e o cheiro de um fogo crepitante seriam um conforto bem-vindo. Havia uma prateleira com madeira cortada na varanda, mas ela não achava que duraria mais do que algumas semanas. Ela teria que cortar mais em pouco tempo.

Sophie franziu a testa; ela não estava ansiosa para realizar esse tipo de trabalho apenas para atender às suas necessidades básicas, e ela realmente não tinha pensado nisso antes de se mudar para cá. Não houve tempo. Demoraria um pouco antes que ela se adaptasse a este lugar, ao estilo de vida que escolheu. Mas, eventualmente, ela voltaria ao normal. Um *novo* normal.

Como ela havia chegado um pouco antes do caminhão em movimento, ela não deu uma boa olhada na cabana. Ela contornou o lado direito, entrando no ar mais frio na sombra do prédio. O solo era um tapete de cores outonais e pequenas árvores cresciam a cerca de seis ou dez metros da parede externa. Algumas pedras grandes e escuras projetavam-se das folhas caídas, muitas áreas verdes com musgo de aparência difusa.

Os cabelos de sua nuca se arrepiaram. Sophie deslizou a língua para molhar os lábios repentinamente secos e examinou a área.

Essa sensação - a sensação de estar sendo observada - se tornou desconfortavelmente familiar para ela desde que ela finalmente deixou Tyler. Reconhecer sua paranoia fez pouco para limitar seus efeitos. Ela

esperava constantemente que Tyler a encontrasse, para proclamar seu amor e prometer que tudo seria melhor, para dizer a ela o quanto ele sentia e como ele seria um homem melhor para ela, o homem que ela merecia.

Mas as palavras de Tyler foram vazias. Sempre foram e sempre seriam. Em seu coração, Tyler acreditava que ele já *era* o homem que ela merecia, porque Sophie sempre precisou de uma coisa acima de tudo - ser colocada em seu lugar. Ela era *sua*, e isso nunca mudaria. *Ele* nunca mudaria.

Sua ansiedade só aumentou nas duas semanas desde que ele foi libertado da prisão. Ela teve seis meses de liberdade para arrumar tudo para que ele não pudesse encontrá-la quando saísse. No início, pareceu bastante tempo, mas assim que os processos legais começaram, ela percebeu que seis meses *não* eram *nada*. O divórcio deles ainda não foi finalizado, e agora ele estava livre, e ela sabia que ele estaria procurando por ela. De que adiantaria a ordem de restrição que ela tinha contra ele? Se ele nunca foi dissuadido por ela implorar, suas lágrimas, seus hematomas e sangue, por que ele seria impedido por um pedaço de papel?

A sensação de estar sendo observada persistia, mas isso era... *diferente*. Não pareceu desencadear o mesmo pânico que ela experimentou todas as outras vezes. Ela afastou a sensação. Não havia ninguém aqui além dela; se ela *estava* sendo observada, provavelmente era por um animal selvagem encolhido em um arbusto em algum lugar.

Ela foi até a parte de trás da casa. As duas janelas traseiras pertenciam ao banheiro e ao quarto, e ela notou que a primeira não era o vidro fosco a que estava acostumada; apesar do isolamento da propriedade, ela teria que fazer algo sobre isso eventualmente. Ela continuou até o outro lado e gritou de empolgação.

Um pequeno abrigo ficava contra a parede, sob o qual havia pilhas e mais pilhas de madeira empilhadas ordenadamente. Devia haver centenas de peças dispostas aqui. Significava uma coisa a menos com que se preocupar enquanto ela se orientava aqui. O proprietário anterior deve ter mantido os depósitos de madeira bem abastecidos. Pelo que a amiga de Sophie, Kate, disse, o lugar tinha sido usado como aluguel para caçadores, visto a maior parte de seu uso durante os meses de outono e inverno.

Sophie tirou o celular do bolso e franziu a testa. Sem sinal. Isso deixou claro o quão longe ela estava da vida que ela conhecia; o serviço de celular era uma daquelas coisas facilmente tidas como certas até que se fosse. Ela teria que ligar para Kate quando fosse à cidade para comprar mantimentos no dia seguinte. Kate gostaria de saber se Sophie a deixara sã e salva.

Voltando para seu carro, ela abriu o porta-malas e tirou a mala que ela tinha vivido nas últimas semanas - ela passou o tempo desde a libertação de Tyler em um hotel, esperando que Kate comprasse a cabana para fechar. Sophie agiu o mais rápido possível assim que a venda foi finalizada, organizando as mudanças e utilitários com a ajuda de Kate. A energia foi ligada esta manhã, e sua internet deveria ser instalada no dia seguinte, mas levaria quase duas semanas antes que a companhia telefônica conseguisse alguém para ativar seu telefone fixo.

Ela se contentaria com o que tinha agora. Fechando o porta-malas, ela foi até a porta do passageiro e abriu o porta-luvas, retirando o revólver no coldre de dentro. A arma estava pesada agora, mais pesada do que nunca antes, mas era um peso reconfortante.

*Eu não vou ser uma vítima novamente.*

Colocando o revólver no bolso do outro casaco, ela caminhou até a varanda e subiu os degraus, rolando a mala atrás dela. As dobradiças da porta

de tela rangeram quando ela a abriu. Ela a segurou entreaberta com a perna, agarrou a maçaneta da porta interna e entrou em sua casa.

Lá fora, tudo tinha um cheiro rico e vivo, terreno e natural. O cheiro de madeira era mais refinado dentro da cabana, e Sophie gostou do cheiro. Era calmante e reconfortante; o aroma perfeito para o lugar onde ela pretendia se recuperar.

À sua esquerda estava a pequena área da cozinha. Um balcão de pedra áspera percorria toda a extensão da parede oposta, com armários de madeira desgastados acima e abaixo. A luz do sol entrava pela grande janela sobre a pia. A sala de estar ficava à direita, parte do mesmo espaço aberto da cozinha. O fogão a lenha ficava no canto mais distante, no topo de uma plataforma de pedra com mais pedras nas paredes atrás dela. Ela montou sua pequena mesa na janela lateral que dava para a floresta, e seu sofá e TV foram posicionados de forma que ela pudesse ficar de frente para a varanda. Ela preferia que o sofá fosse voltado para o fogão para aproveitar o calor, mas não conseguia suportar a ideia de ficar de costas para a porta e todas as janelas ao mesmo tempo.

Apenas pensar nisso a fazia se sentir insegura; ela precisava ter o exterior - sua rota de *fuga* - à vista.

Sua estante ficava ao lado de sua mesa, e havia caixas de papelão empilhadas ao longo da parede entre ela e o fogão a lenha. As caixas representavam a maioria de seus bens materiais, exceto os móveis que já haviam sido colocados no lugar. Não demoraria muito para desfazer as malas, e ela sabia que a casa ainda pareceria um tanto vazia quando ela terminasse. Ela esperava remediar isso com o tempo. Depois de se instalar, ela planejou visitar alguns dos numerosos antiquários e mercados de pulgas nas

idades vizinhas para encontrar algumas bugigangas e decoração para dar a esta cabana uma sensação de viver e torná-la sua.

Em frente havia três portas - o banheiro à esquerda e o quarto dela à direita, com um armário de linho no meio. A cabana era pequena, mas era tudo que ela precisava.

Ela foi até a escrivaninha, colocou o telefone em cima e depositou o revólver na gaveta do meio. Depois de tirar o casaco, ela o pendurou na cadeira e foi para o quarto.

Os carregadores já haviam montado sua cama - uma estrutura de metal simples com uma cabeceira de ferro forjado, um box spring e um colchão queen-size. O trabalho em metal tinha um desenho intrincado; ela sabia que precisava dele no momento em que o viu no brechó. De jeito nenhum ela teria mantido a cama que compartilhou com Tyler. Carregava muitas memórias.

Sophie respirou fundo novamente, fechou os olhos e soltou o ar lentamente, afastando aquelas lembranças sombrias. — Novo lar. Vida nova. Eu tenho isso.

Abrindo os olhos, ela colocou a mala na cama e começou a desfazer as malas. Ela pendurou algumas peças de roupa no armário, mas a maior parte de suas roupas foi para a pequena cômoda de quatro gavetas na parede em frente ao pé da cama. Em sua antiga casa, ela mantinha tudo em um enorme closet que estava repleto de roupas e sapatos coloridos. Agora, ela poderia colocar todas as suas roupas em uma mala. Ela descobriu que não sentia falta do espaço nem da abundância de roupas. Ela manteve apenas o que ela estava confortável, assim como deveria ter sido o tempo todo.

Ela voltou para a sala, encontrou a caixa com suas roupas de cama, fez a cama e desempacotou as outras caixas. Ela guardou os produtos de higiene pessoal, utensílios, pratos, potes e panelas em seus novos lugares. Os pregos

espalhados nas paredes serviram bem o suficiente para pendurar as poucas fotos emolduradas que ela possuía. Ela fez uma pausa para examinar uma das fotos; fora tirada na Páscoa, quando Sophie tinha cerca de dez anos. Ela estava em um vestido verde pastel com luvas de renda branca e sapatilhas, ladeada por seus pais sorridentes. Sua mãe havia penteado o cabelo de Sophie naquela manhã, enrolando-o e puxando as mechas em espiral para cima em um lindo coque bagunçado. Ela sempre amou quando sua mãe arrumava seu cabelo.

Com os olhos lacrimejando, ela pressionou a ponta do dedo no vidro e passou sobre as imagens de sua mãe e de seu pai. Passaram-se seis anos desde suas mortes. Apesar do tempo que passou, ela frequentemente achava difícil acreditar que eles haviam partido. Ela se pegou pensando em visitá-los para o jantar de domingo de vez em quando, assim como fazia todos os fins de semana desde que se mudara de casa para ir à faculdade. O lembrete de que eles haviam partido, de que nunca mais haveria jantar de domingo com eles, sempre a impressionou muito.

Com um sorriso suave e triste, Sophie se afastou das fotos.

Ajoelhando-se na frente de sua estante, ela puxou a caixa de livros para mais perto e os transferiu para as estantes. Sua coleção diminuiu muito em seu ápice; Tyler jogou fora a maioria de seus livros ao longo dos anos, considerando-os *lixo*. Isso foi tudo que ela conseguiu salvar - alguns de seus favoritos e os romances que ela mesma escreveu.

Ela tocou a capa de um, traçando as letras brancas em negrito de seu nome - *Josephine Davis*. Tyler não gostou que ela continuasse a usar seu nome de solteira pelo pouco tempo que ela escreveu depois que eles se casaram.

Ela foi forçada a desistir de seu sonho por tanto tempo...

Sua pele formigou e os pelos de seus braços se arrepiaram. Virando a cabeça, Sophie olhou pela janela da frente. A floresta estava parada e serena à

luz do sol cada vez menor. Ela apertou os olhos, estudando cuidadosamente tudo à vista, mas não conseguiu discernir o homem ou a fera entre as árvores.

*Então, por que sinto que alguém está me observando de novo?*

É por causa *dele*. Tyler. Ele a fez assim, fez Sophie temer sua própria sombra.

Segurando o livro contra o peito, ela o apertou até doer os dedos. Por que ela nunca se permitiu ficar com raiva dele *antes*? Ela não o deixaria mais controlar sua vida. Ela estava pegando de volta - pegando *tudo de volta*.



Cruce permaneceu na escuridão sob a cobertura enquanto se aproximava da cabana. Ele fluiu sobre o solo coberto de folhas e farfalhou entre os galhos e caules da vegetação rasteira, farfalhando suavemente a vegetação. As sombras circundantes o chamavam; elas imploraram a ele para liberar a farsa de uma forma na qual ele se fundiu, para se dispersar, para se perder em seu abraço reconfortante e se tornar um com elas. Como sempre, ele ignorou esse chamado.

Sua fome era mais forte do que a isca do esquecimento inalcançável.

A mortal estava no quarto, arrumando sua cama. Cruce se demorou um pouco além da luz que se derramava pela janela, sem querer desviar o olhar da humana. Os cheiros familiares de sua floresta - folhas podres, terra úmida, uma centena de plantas e árvores diferentes - foram silenciadas desde que ele foi amaldiçoado, mas ele claramente sentiu o cheiro da humana enquanto ela

estava lá fora no início do dia. Lavanda e baunilha. Seu doce perfume permaneceu em seus sentidos, agitando ainda mais sua fome.

Ela parecia e cheirava *deliciosamente*.

E a força vital que ela emanava era enlouquecedora; ele sentia sua força mesmo agora, e ansiava por prová-la. Ele queria atraí-la para si mesmo e preencher o vazio que havia sido deixado dentro pela magia negra da rainha fada.

Embora ela não tenha sido a primeira mortal a vir para esta estrutura nos últimos meses, ela foi a primeira a ficar por mais do que algumas horas desde o inverno passado - a primeira a ficar depois do pôr do sol. Quando ele sentiu a intrusão em sua floresta, ele esperava descobrir mais sobre os caçadores que frequentemente se abrigavam neste edifício. Ele esperava outro grupo de mortais buscando tirar de seu reino sem dar *nada* em troca, nem mesmo uma pequena demonstração de respeito ou agradecimento.

Dias se passaram desde sua última alimentação, e Cruce estava pronto para atacar sem provocação, maldita luz do dia. Mas então ele tinha cheiro *dela*, e a chama de aroma no ar da outra forma sem cheiro tinha reduzido sua fúria voraz.

Escondido nas sombras cada vez mais profundas sob as árvores enquanto a noite se aproximava, Cruce observou enquanto a mortal removia seus pertences dos recipientes empilhados dentro. Ela parou várias vezes para olhar para os objetos em sua mão como se estivesse em profunda contemplação antes de retomar seu trabalho. Quando ela saiu de dentro e pegou lenha cortada na varanda, ele precisou de toda a sua força de vontade para não ir até ela.

Ele sentiu a força de vida dela durante sua vigília e ficou cada vez mais consciente das emoções ligadas a ela com o passar do tempo - tristeza e medo,

ambos deliciosos para festejar. E, no entanto, eram sustentados por uma profunda resiliência e um crescente senso de *esperança*.

Cruce se aproximou ainda mais, evitando a luz lançada de dentro do prédio. A mortal afastou o cabelo do rosto. A pele dela parecia tão lisa e macia, tão *quente*, e ele ansiava por acariciá-la com as próprias mãos, mas não seria capaz de recuperar sua forma física por mais nove dias, quando a lua cheia surgisse na véspera de Todos os Santos. Só então ele poderia arrastar as pontas dos dedos sobre sua pele pálida e compartilhar seu calor. Só então ele poderia realmente conhecer seu gosto. Talvez o momento de sua chegada tenha sido mais fortuito do que ele percebeu.

Os desejos há muito adormecidos eram realmente a causa da atração que ele sentia por ela? Ele tinha fome, sim, mas isso era mais do que mera fome, mais do que luxúria. Isso era algo novo, e seu instinto era esperar a lua cheia para saber a verdade sobre ela.

Até então...

Não. Não havia sentido em esperar, não havia sentido em ceder a sentimentos vagos e misteriosos. Ele tinha fome *agora*, e essa fome o rasgava, sangrando em cada fiapo de seu ser incorpóreo, exigindo satisfação. A força vital desta mortal ajudaria muito em acalmar sua fome.

Ela foi até a janela e estendeu a mão para verificar a trava antes de agarrar as cortinas. Seus lábios eram de um rosa saudável, seu cabelo era o mesmo ruivo de muitas das folhas de outono acima. Ela hesitou, seus olhos castanhos calorosos - os olhos mais honestos que ele já tinha visto - caindo sobre ele. Por um instante, ele se sentiu conectado a ela e quase podia ver fios finos e prateados passando entre eles. A fome rugia dentro dele, mas era um tipo diferente de fome, mais profunda e mais consumidora do que sua necessidade de energias vitais roubadas.

Era uma fome exclusivamente por *ela*.

Depois de alguns momentos, ela balançou a cabeça, baixou o olhar e fechou as cortinas. A conexão foi cortada imediatamente e o vazio dentro de Cruce se expandiu a novas profundezas. A luz interna foi reduzida a uma linha estreita no centro da janela.

Deixando parte de si mesmo ancorado nas sombras da vegetação rasteira, Cruce deslizou para mais perto do vidro, estendendo-se pelo terreno aberto. Através das cortinas cortadas, ele viu a mortal caminhar para o outro lado de sua cama. Ela rastejou em cima dela, cobriu-se com o cobertor e estendeu a mão para a lâmpada de um suporte próximo.

Ouviu-se um *clique* suave e o quarto mergulhou na escuridão.

Ela estava entrando em seu estado mais vulnerável - o sono. Não que os humanos fossem capazes de se defender dele, atualmente. Eles pareciam ter perdido o conhecimento das tradições e rituais que poderiam ter proporcionado a eles alguma proteção contra seres como Cruce.

Retirando-se da janela, ele rastejou em direção à frente da cabana. Os sons noturnos da floresta o assaltaram de todos os lados; todas as coisas vivas em seu domínio exigiam sua atenção imediatamente. Até as árvores o chamavam. No auge de seu poder, as redes de raízes emaranhadas sob o solo serviam como uma série de rodovias para ele, e sua magia lhe permitia uma passagem fácil. Agora ele estava reduzido a espreitar entre os galhos como uma fera vergonhosa.

Há muito tempo, ele poderia ter considerado o bem-estar de sua floresta e as criaturas que moram dentro dela.

Hoje em dia, a fome parecia consumir todos os seus pensamentos.

Ele foi até a janela lateral e olhou através dela. As luzes internas estavam apagadas, exceto por uma relativamente pequena e suave na cozinha. Ela

lançava sombras profundas em todo o resto do grande cômodo, fornecendo um caminho potencial com exposição mínima ao longo do caminho. A luz não faria a ele nenhum dano duradouro, mas o enfraquecia significativamente, e ele não tinha nenhum desejo de se sentir mais fraco do que a maldição já o havia deixado.

Ele continuou em frente, virando a esquina e fluindo através da grade da varanda. O cheiro da mortal feminina permaneceu aqui, um único ponto de clareza onde todo o resto estava diminuído e distante. Cruce fez uma pausa para deleitar-se. Agora que ele estava mais perto, ele detectou a feminilidade de seu aroma, e isso mexeu com algo dentro dele que não era despertado há anos.

Achatando-se contra as tábuas do piso de madeira, ele passou pelas minúsculas aberturas sob as portas da frente. O ar dentro da cabana estava visivelmente mais quente - para Cruce, isso significava uma ligeira mudança em direção a um frio mais tolerável. Não havia mais calor em sua existência.

Cruce varreu o chão, desviando-se do brilho da cozinha. Ele passou pelas sombras de seus assentos estofados, incapaz de estudar os objetos ao seu redor porque o cheiro dela estava ficando mais forte, e ele *ansiava*, ele *sentia fome*; ele *precisava* tê-la.

A fome superando a cautela, ele cruzou a luz e deslizou pela porta aberta para o quarto da mortal. Ele se ergueu, reunindo os fragmentos de sombra que o compunham em uma forma vagamente humanóide.

A escuridão de seu quarto era acolhedora. A luz das estrelas - tão forte para ele agora quanto a luz do dia antes - fluía através das cortinas. Envolveria suavemente seu corpo, que estava obscurecido por um cobertor, com um brilho prateado. A palidez de seu rosto era acentuada por seus cabelos brilhantes.

Ele se aproximou da cama. A força vital da mortal pulsava dela, varrendo sobre ele em uma onda quente e consumidora que fez suas sombras ondularem. Seu cheiro estava mais concentrado aqui, mais atraente. Formando uma mão em sua escuridão, ele se aproximou dela. O mais leve toque em sua pele lhe daria uma amostra tentadora do sustento que ela proporcionaria.

Colocando a mão sobre o cobertor, ele concentrou sua vontade em interagir com ele. Como uma sombra, ele não existia totalmente no mundo físico ou no reino dos espíritos, tornando difícil para ele interagir com qualquer um dos planos. Mas a lua cheia de Todos os Santos estava próxima, e sua habilidade de manipular objetos físicos estava se fortalecendo com sua aproximação. Naquela noite, o véu entre os reinos seria mais fraco, e sua maldição lhe daria uma forma física - um corpo mortal vulnerável, divorciado dos poderes que ele uma vez comandou.

Lentamente, Cruce puxou o cobertor sobre o corpo da humana. Ela se mexeu, rolando para o lado, e se enrolou como se procurasse calor ou conforto. O vinco entre suas sobrancelhas delicadas chamou sua atenção; parecia uma expressão preocupada.

Ele não tinha nenhum motivo para se preocupar com os cuidados dos mortais. Na melhor das hipóteses, eles eram adoradores, fazendo oferendas e prestando homenagens, mas aqueles dias já haviam se passado. Agora eles eram ameaças potenciais para sua floresta ou comida - geralmente ambos. Sua dependência deles para saciar o pior de sua fome era enfurecedora e insultante, assim como a rainha sem dúvida pretendia. Mas pelo menos se alimentar de humanos o impedia de tirar proveito de sua floresta e se enfraquecer a longo prazo.

Enquanto ele varria seu olhar sobre esta pequena e vulnerável mortal, estudando a forma como suas roupas de cama esculpam em suas coxas e a

curva de seu traseiro, seu cheiro permeou seu próprio ser. Ele mudou a mão para a calça dela e a arrastou por sua perna. O tecido macio era apenas uma sugestão de sentir sob seus dedos, uma sensação fantasma para uma mão fantasma, mas a carne quente e flexível sob aquela camada de tecido era *real*. Ele sentiu isso, sentiu *ela*.

Era diferente de tudo que ele experimentou desde que foi amaldiçoado.

Cruce moveu a mão mais alto, vibrando de antecipação - mas para quê? Para sentir o gosto de sua força vital ou *dela*?

Ele retirou a mão, reabsorvendo-a em sua forma sombria. O calor que ele sentiu através de sua roupa de cama se espalhou por ele por um instante - o primeiro gosto de calor que ele sentiu em quase duas décadas. Isso deu lugar a um frio entorpecente e familiar à medida que desaparecia.

Durante os longos anos de sua maldição, ele alimentou sua fome drenando a vida de inúmeras criaturas - humanas e animais. Nem uma vez o contato com nenhuma delas produziu tais sensações. O ímpeto da força vital recém-consumida era uma euforia por si só, por mais passageira que fosse, mas esse toque era intrigante demais para ser descartado imediatamente.

Ele sentiu sua forma se esticar e crescer, subindo para envolver a mortal e arrancar sua força vital de seu peito, para devorar avidamente sua essência. Algo dentro dele protestou; isso não estava *certo*.

A fêmea gemeu e se virou de costas, erguendo a mão para descansar ao lado de sua cabeça.

Cruce se jogou para trás, estreitando-se contra a parede. A fome se esticou dentro dele, empurrando em direção ao mortal, atraída por seu calor, sua respiração suave, sua *vida*, ameaçando despedaçá-lo enquanto lutava contra aquela sensação de injustiça.

O cheiro da mortal relaxou sobre ele novamente, passou *por* ele, e ele se agarrou a ele.

Ele não era um escravo desses impulsos mais do que ele era um escravo da rainha fae. Cruce era o senhor desta floresta, e ele não iria levar esta mortal. Ainda *não*. Ela era muito intrigante. Depois de quase dois séculos de monotonia em sua condenação, ela forneceu a primeira chance de mudança.

Sua maldição não foi quebrada, mas se ele pudesse contornar alguns de seus efeitos, mesmo por um curto período, valeria a pena a demora em devorar sua essência. Uma vez que ela não servisse mais como uma distração que valesse a pena, ele poderia se livrar dela. *Depois* da véspera de Todos os Santos.

Com um último olhar para seu rosto perturbado, Cruce retirou-se de sua casa e se lançou mais para dentro da floresta. Hoje à noite, ele teria que se alimentar de uma das bestas que uma vez protegeu para saciar sua fome.

# Capítulo 2

Sophie acordou, tremendo, com um raio de sol brilhando pela fresta entre as cortinas. Ela estava enrolada em uma bola no centro de sua cama, os braços dobrados perto do peito e as mãos em punhos sob o queixo. O ar frio beijou sua pele exposta onde seu pijama havia subido. Ela suspirou, fechou os olhos e se abaixou para pegar o cobertor. Não estava lá. Erguendo a cabeça, ela abriu os olhos e olhou para o pé da cama.

Uma ponta do cobertor estava na beira do colchão; o resto havia caído da cama algum tempo antes de ela acordar.

Gemendo, Sophie deixou cair a cabeça no travesseiro e olhou para o relógio. Faltavam quinze para as nove. Ela olhou para os números verdes brilhantes com alguma surpresa. Ela não conseguia se lembrar da última vez que dormiu depois das seis.

Ela esperava dormir intermitentemente, acordar aleatoriamente durante a noite. A rotina havia sido incutida nela por anos - levantar cedo para arrumar as roupas de Tyler, fazer café e café da manhã e garantir que ele tivesse tudo de que precisava para começar o dia. Embora já tivessem passado seis meses desde que moraram juntos, ela nunca foi capaz de desligar o alarme interno que disparava todas as manhãs, exigindo que ela se levantasse e se mexesse ou sofresse as consequências.

Mas, pela primeira vez em muito tempo, Sophie dormiu profundamente. Confortavelmente. Seu corpo estava relaxado e revigorado, e

embaraçosamente, havia uma pulsação fraca entre suas pernas. Ela não conseguia se lembrar de ter tido sonhos, mas imaginou que deviam ter sido bons pelo menos uma vez.

Apesar de se sentir rejuvenescida, ela estava *congelando*.

Sentando-se, ela escorregou para fora da cama e calçou as pantufas quentes e felpudas. Caminhando para a sala de estar, Sophie agarrou seu cobertor, colocou-o sobre os ombros e fechou as laterais sobre o peito.

Ela se agachou em frente ao fogão a lenha e o abriu. — Não admira que esteja tão frio aqui.

Pegando o atizador de fogo, ela mexeu nas cinzas, revelando as poucas brasas ainda brilhando dentro. O fogo quase apagou durante a noite. Ela só esperava ter uma boa noção de como mantê-lo aceso confortavelmente desde o anoitecer até o amanhecer, quando o inverno chegasse. Ela acrescentou um pouco de jornal e outro pedaço de madeira, acendeu o papel com um fósforo e esperou para ter certeza de que a lenha pegou fogo antes de fechar o fogão e ir para a cozinha fazer café.

Não muito depois, ela saiu para a varanda com o cobertor sobre os ombros e uma caneca fumegante entre as mãos. O ar estava fresco, e o brilho da geada cobrindo as folhas caídas brilhava na luz dourada da manhã, cintilando como diamantes espalhados pelo chão. Sophie respirou fundo e fechou os olhos, saboreando o ar fresco.

Sua pele formigou com a sensação repentina de ser observada e seu batimento cardíaco acelerou. Ela esquadrinhou os arredores, varrendo seu olhar sobre as árvores e vegetação rasteira, mas assim como no dia anterior, ela não viu nada fora do comum.

— Olá? — Ela chamou.

A única resposta que ela recebeu foi seu próprio eco.

Sophie soltou uma respiração longa e lenta e balançou a cabeça, passando a mão pelo cabelo despenteado. — Deus, ele me ferrou com tudo.

Empurrando de lado todos os pensamentos sobre Tyler, ela soprou seu café e tomou um gole cuidadoso. Ela se permitiu aproveitar a manhã fresca e brilhante, mergulhar na beleza da natureza. Ela viveu na cidade por toda a sua vida até que ela se mudou para os subúrbios com Jeff, e esta foi uma mudança bem-vinda daquelas paisagens feitas pelo homem e bem cuidadas. Este era o primeiro lugar em que ela estava em *paz*.

*Exceto que ainda sinto que não estou sozinha.*

Apertando as pontas do cobertor com uma mão, Sophie olhou por cima da borda de sua caneca para procurar nas árvores novamente antes de se virar e voltar para dentro.

Depois de se vestir e escovar o cabelo e os dentes, Sophie fez uma viagem à cidade - uma viagem de vinte minutos por estradas vicinais sinuosas que cortavam a floresta exuberante e colinas verdes. A própria cidade, Raglan, era pequena, com lindas casas antigas alinhadas na estrada principal. Painéis com mães laranja e amarelas penduradas nos postes de luz ao longo das calçadas, e abóboras, fantasmas, esqueletos e bruxas decoravam os gramados e janelas de muitas das casas.

Sophie sorriu. Com tudo o que estava acontecendo, ela havia esquecido o quão perto o Halloween estava. Tinha sido seu feriado favorito quando criança, e ela ainda adorava quando era adulta. Ela adorava ver todas as fantasias enquanto as crianças corriam de porta em porta falando doçura ou travessura. Em anos anteriores, ela comprou caixas de barras de chocolate de tamanho normal, decorou sua casa e até vestiu suas próprias fantasias enquanto esperava que as crianças da vizinhança aparecessem. As semanas

anteriores ao Halloween costumavam significar maratonas de filmes de terror e viagens às lojas de Halloween apenas para olhar ao redor com deleite.

Seu sorriso caiu. Era assim até Tyler decidir que não queria que sua esposa *se exibisse para todos os adolescentes locais*.

Ela balançou a cabeça; ela não estava mais sob seu controle.

Entrando no estacionamento do supermercado local, ela encontrou uma vaga e desligou o motor. Ela agarrou sua bolsa e cavou seu telefone. Suas sobrancelhas se ergueram; sete chamadas perdidas e quatorze mensagens. Sophie riu e folheou as mensagens de texto - todas de Kate.

*Como foi a viagem?*

*Você está se acomodando? Eu quero imagens!*

*Por que você não ligou ou mandou mensagem? Estou ficando preocupada aqui.*

*Sophie, RESPONDA AO SEU TELEFONE!*

— Oh, Kate. — Sophie sorriu, apertou o botão de chamada e levou o telefone ao ouvido.

O primeiro toque foi interrompido por uma voz familiar. — Já estava na hora! Onde você esteve? — Kate exigiu. — Tenho tentado falar com você desde ontem! Você não pode fazer isso comigo!

— Eu sei! Eu sinto muito! Eu teria ligado para você, mas não há sinal de celular na cabana. Estou no estacionamento do supermercado agora.

— E quanto ao Facetime?

— Vou instalar a Internet esta tarde.

— Bom. — Kate suspirou. — Desculpe, Sophie. Eu estava preocupada.

— Eu sei. Eu não queria fazer você se preocupar. — Sophie apertou seu aperto no telefone. — Ele...?

Houve um som do outro lado da linha, como se Kate estivesse fechando as cortinas. Sophie podia apenas imaginá-la espiando pelas fendas para olhar para o outro lado da rua. — Ele ainda está em casa. Tenho estado de olho nele.

Sophie soltou um suspiro suave e aliviado. Kate morava bem em frente à casa que Sophie e Tyler tinham compartilhado, e ela tinha sido a amiga secreta de Sophie enquanto Tyler estava no trabalho. No começo foi difícil; Sophie não queria que ninguém soubesse o que estava acontecendo entre ela e Tyler. Ela fingia não conhecer Kate - além de ser a mulher do outro lado da rua - quando ele estava por perto, o que envolvia se fazer de boba no supermercado de vez em quando.

Mas Kate era uma mulher inteligente e compassiva. Ela percebeu os sinais e notou os hematomas de Sophie. Nas primeiras vezes, foi fácil interpretá-los como resultado de acidentes; Sophie alegou falta de jeito, sua falta de coordenação não tinha sido uma mentira. Mas em pouco tempo, a percepção de Kate tornou-se demais, e Sophie admitiu a verdade. Ela implorou a Kate para não dizer uma palavra. Ela não sabia o que Tyler faria com ela ou Kate se a notícia se espalhasse.

Kate concordou com extrema relutância, sob a condição de que ela e Sophie trabalhassem juntas em um plano para tirá-la do relacionamento com segurança. Mesmo assim, Sophie não acreditava que *poderia* haver uma saída segura de seu casamento. Mas elas mantiveram o ato de vizinhas amigáveis, continuaram fingindo externamente que tudo estava bem, que tudo estava normal.

E Kate manteve sua palavra. Seus planos para libertar Sophie não fizeram diferença, no final, mas a amizade de Kate foi o que salvou Sophie.

A culpa de Kate por se manter em silêncio e não agir antes era imensa, mas Sophie deixara isso claro desde então - ela devia sua *vida* a Kate. Elas trabalharam juntas desde então para tomar todas as ações legais necessárias e garantir que Tyler nunca encontrasse Sophie novamente.

– O que ele está fazendo? – Perguntou Sophie.

– Não tenho certeza. Ele ainda está com raiva. Eu o ouvi gritando outro dia, e ele levou um monte de lixo para o meio-fio no dia do lixo esta semana. Acho que a maioria daquilo era algo que você deixou para trás, porque ele arrastou a maior parte de volta para dentro antes que o caminhão chegasse. Acho que ele está obcecado. *Ruim*.

Sophie fechou os olhos e encostou a cabeça no encosto. – Obrigada, Kate. Por tudo.

– Claro. Eu só quero você segura. E assim que tudo se acalmar e seu divórcio for oficial, vou visitá-la! Eu poderia usar um pouco de ar do campo.

Sophie sorriu. – É lindo aqui fora. Existem tantas cores.

– É um encontro então.

Elas conversaram um pouco mais antes de Sophie encerrar a ligação, prometendo ao Facetime mais tarde.

Ela saiu do carro, trancou-o e entrou no armazém.

Várias pessoas a observaram enquanto ela entrava no prédio. Sophie ofereceu um sorriso tímido para uma delas, uma mulher mais velha que trabalhava em um caixa de cheques, e pegou um carrinho. Não demorou muito para conseguir o que precisava - ela queria manter as coisas simples, o que significava muita sopa e sanduíches nas próximas semanas. Depois de parar para escolher um cartão de aniversário para Kate, ela se dirigiu para as pistas de verificação. A loja era menor do que ela estava acostumada e os preços eram mais altos, mas ela não se importou. A mudança já parecia valer a pena.

— Você é uma cara nova. — Disse a idosa caixa enquanto Sophie colocava seus itens na esteira.

— Acabei de me mudar para cá ontem. — Respondeu Sophie, olhando para o crachá da mulher. Doris.

— É tão maravilhoso ver rostos novos em nossa pequena cidade. E o seu é tão bonito. — A caixa registradora apitou enquanto Doris examinava as compras de Sophie.

Sophie sorriu, as bochechas aquecendo. — Obrigada.

— Você comprou o amarelo de dois andares na mesma rua? Flores lindas.

Sophie balançou a cabeça. — Não. Estou em uma cabana perto da velha rodovia, cerca de vinte minutos fora da cidade.

— Aquela velha cabana de caça? — A mão de Doris fez uma pausa e ela franziu a testa, seus olhos movendo-se sobre Sophie. — Uma jovem como você não deveria estar lá sozinha.

— Estou bem. Na verdade, eu realmente gosto dela. É uma boa mudança da cidade.

— Bem, apenas tome cuidado. — Ela colocou o item final na sacola. — Eu poderia mandar meu Ron para verificar você de vez em quando, se você quiser. Aquele velho desgraçado precisa de algo mais para fazer além de beliscar meu traseiro.

Sophie riu e balançou a cabeça. — Não, está tudo bem. Estou bem, sério. Mas obrigada.

Doris falou o total e desejou a Sophie um dia maravilhoso depois de ela ter passado o recibo.

Enquanto colocava as sacolas no carro, Sophie fez uma pausa. Ela se sentiu... mais leve. Era estranho perceber que ela realmente *poderia* ter um bom dia sem medo das consequências.

*Tempo. Isso é tudo que preciso.*



Sophie observou as palavras correrem pela tela enquanto seus dedos voavam sobre as teclas do laptop. A história estava despejando sobre ela; cada cena passou vividamente em sua mente, e ela escreveu o mais rápido que pôde para preservar todos os detalhes. Ela parava ocasionalmente para reabastecer seu chá gelado ou admirar a vista do bosque através da janela.

Demorou um pouco para perceber que estava se divertindo. Ela estava escrevendo, e durante esse tempo, ela estava livre de preocupações, sem medo; ela estava apenas... sendo ela mesma.

Mesmo a sensação persistente de ser observada, a presença que ela jurou que pairava em algum lugar próximo, não podia diminuir sua euforia.

Quer fosse resultado de uma imaginação hiperativa, sua paranoia ou ambos, ela jurou que algo estava lá com ela. Ela queria acreditar que era uma entidade gentil, esse fantasma, ou espírito, ou o que quer que fosse, que estava ali para vigiá-la e protegê-la.

Ela não queria pensar nas alternativas.

Uma batida na porta da frente a fez pular. Foi tão repentino, tão inesperado, que seu coração saltou em sua garganta. Ela se levantou e tropeçou para trás, quase derrubando a cadeira. Ofegante, ela agarrou o tecido da

camisa e se pressionou contra a estante como se pudesse encolher dentro dela. Seu peito doía, seu coração estava disparado e ela não conseguia respirar; o terror assumiu o controle.

*Não! Ele não está aqui. Ele não me encontrou. Eu estou segura. Segura. Segura...*

Sophie fechou os olhos e se obrigou a respirar lenta e profundamente, na esperança de conter as batidas frenéticas de seu coração.

– Ele não está aqui. Ele não está aqui, – ela sussurrou para si mesma repetidamente. – Estou segura. Ele não está aqui.

Lágrimas arderam em seus olhos. Ela se moveu para a mesa e baixou a mão para a gaveta do meio; ela sabia como usar o revólver, e esse conhecimento deu-lhe alguma força.

A batida se repetiu, mais alta e mais insistente do que antes.

– Quem é? – Ela chamou, orgulhosa de que sua voz não falhou.

– Meu nome é Dan –, disse um homem de fora. Sua voz não era nada parecida com a de Tyler. – Sou da Sky Link Telecomunicações, estou aqui para instalar sua internet.

Sophie soltou outra respiração instável e limpou a umidade de seus olhos. Seus membros estavam fracos e tremendo quando ela caminhou até a janela e olhou para fora para ver a van branca e azul na garagem com *SKY LINK* na lateral em letras grandes. Isso a aliviou um pouco, mas não totalmente. Tyler era astuto e determinado, e quando ele queria algo...

Ela destrancou a porta da frente e abriu uma fresta. Olhando para cima, ela encontrou olhos castanhos. Castanho. Não azul. *Dan*, não Tyler.

– Desculpe. – Ela murmurou e deu um passo para trás, abrindo mais a porta.

— Sem problemas —, disse ele com um sorriso. Ele hesitou ao abrir a porta de tela. — Você está bem?

— Sim —, respondeu Sophie. — Só um pouco... tonta.

Dan franziu a testa. — Você tem um determinado local que deseja configurar?

— Estou totalmente sem fio, então em qualquer lugar está bom.

— Tudo bem. Vou dar uma olhada ao redor e ver no que temos que trabalhar, então estarei fora de seu alcance.

— Obrigada.

O técnico era um homem alto e, embora parecesse amigável, Sophie não pôde evitar seu desconforto por estar sozinha com ele. Deixando a porta da frente aberta, ela voltou para a mesa e se manteve fora de seu caminho enquanto ele trabalhava, extraíndo conforto da arma na gaveta próxima. Ela se sentiu péssima com isso - Dan estava apenas tentando fazer o seu trabalho -, mas ela não conseguia se livrar do medo. Não importava quantas vezes ela disse a si mesma que era ridículo; o dano estava feito. Tyler a havia deixado assim, e ela o odiava por isso.

Dan trabalhou rapidamente e manteve-se isolado, concentrando-se em sua tarefa. Assim que a internet dela estava funcionando, ele a fez assinar a ordem de serviço em seu tablet, desejou-lhe uma boa tarde e saiu.

Depois que a porta da frente foi fechada e trancada, Sophie encostou-se nela, lutando para manter a calma. Raiva e vergonha rodaram dentro dela. Ela queria sua confiança, sua coragem e sua segurança de volta. Ela só queria ser *normal*. Mas Tyler havia despojado a pessoa que ela tinha sido um dia de cada vez. No grande esquema das coisas, cinco anos não parecia muito tempo, mas tinha sido um inferno para Sophie. Seis meses não foram suficientes para

curar suas feridas internas - especialmente quando as primeiras semanas foram passadas no hospital, se recuperando da surra que Tyler havia lhe dado.

Afastando-se da porta, ela entrou na cozinha e preparou um sanduíche de presunto, combinando-o com batatas fritas e uma garrafa de água. Ela levou o jantar simples para a mesa e comeu devagar enquanto escrevia, conseguindo mais algumas centenas de palavras antes de encerrar a noite.

Ela olhou pela janela. O céu lá fora estava iluminado apenas por um leve brilho laranja. Em breve escureceria e ela ainda precisava ligar para Kate.

Depois de lavar a louça, ela tomou um banho rápido, vestiu um pijama macio e aconchegante - completo com meias grandes e fofas - e sentou-se à mesa novamente. Ela abriu o aplicativo Facetime e clicou em seu único contato. Ela estava escovando o cabelo úmido quando Kate aceitou a chamada.

Os grandes olhos verdes de Kate e o sorriso contagiante encheram Sophie instantaneamente de calor.

— Oi! — Kate exclamou, acenando. — Parece que *alguém* acabou de tomar banho.

Sophie sorriu. — Sim.

— Então, você pediu a alguém para instalar sua internet, hmm? Ele era gostoso?

A mão de Sophie parou. Kate se aproximou da câmera, o sorriso vacilando.

— Soph, o que há de errado?

Sophie balançou a cabeça e pousou a escova na mesa. — Não é nada. Somente...

Um movimento no canto chamou sua atenção. Ela virou a cabeça para o lado, os olhos indo e voltando, mas não havia nada lá. Um arrepio percorreu sua espinha; ela poderia jurar que viu *algo*.

– Sophie? – Kate pediu.

– Não é nada –, Sophie repetiu, mais para si mesma do que para Kate. Ela lentamente enfrentou sua amiga novamente.

– Você teve um ataque de ansiedade, não foi?

– Eu... quase, sim –, respondeu Sophie. – Acho que não esperava o instalador. Bem, eu esperava, mas estava distraída e ele me assustou, e tudo que eu conseguia pensar era... Tyler. Que ele me encontrou. Que ele estava *aqui*.

– Ele não está, querida. Ele ainda está aqui, do outro lado da rua, em sua antiga casa. A centenas de quilômetros de distância.

– Eu sei disso, Kate. Isso é o que torna tudo pior. Ele nem está aqui e ainda tem muito controle sobre mim. Eu não posso fugir dele. Ele está sempre *aqui*, na minha cabeça. – Seus olhos ardiavam e sua visão ficou turva com lágrimas.

– Aww, Sophie. Vai melhorar com o tempo. Eu *prometo*. Farei tudo o que puder para garantir que ele nunca toque em você novamente.

Não importava que ela só conheceu Kate alguns anos atrás; Sophie se sentia como se a conhecesse desde sempre. Ela era uma irmã, uma confidente, um anjo da guarda. – Eu amo você.

– Eu também te amo. – Kate sorriu. – Vá ter algum descanso. Voltaremos a conversar em breve.

– Boa noite, Kate.

– Boa noite, querida.

Sophie desligou a ligação e recostou-se, colocando os calcanhares na beirada da cadeira e puxando as pernas até o peito para apoiar o queixo sobre elas. Ela olhou pela janela, além de seu reflexo, para as sombras lá fora. Ela ficou assim por muito tempo. A exaustão - principalmente mental - a dominou,

mas ela não estava pronta para ir para a cama com medo de ver Tyler em seu sono, como tantas vezes via.

A presença próxima não tinha diminuído, mas ela encontrou um estranho grau de conforto nisso agora. A lógica disse a ela que não era real; não havia ninguém do lado de fora, nenhuma casa, ninguém *aqui*. Ela estava sozinha. Era provável que aquela parte excessivamente imaginativa de sua mente estivesse procurando um anjo da guarda substituto enquanto ela estava tão longe de sua heroína da vida real, Kate.

Com um suspiro suave, ela descruzou as pernas e se levantou. Ela acrescentou algumas toras ao fogão a lenha, arrumando-as com o atiçador para dar nova vida ao fogo, e fechou os olhos para saborear o calor antes de fechar a porta. Ela continuou sua nova rotina noturna - desligou o computador, verificou as fechaduras de todas as janelas e portas e foi ao banheiro para escovar os dentes e se aliviar.

Sophie olhou no espelho e inclinou a cabeça. Não era a esposa maltratada dos últimos anos olhando para ela, mas também não era a jovem escritora despreocupada que ela fora antes de Tyler. Ela estava em uma encruzilhada. Embora seu corpo não fosse mais uma tapeçaria de hematomas e lábios rachados, ela sempre carregaria cicatrizes em sua alma. Mas ela tinha a chance de definir o que essas cicatrizes significariam no futuro.

Ela entrou em seu quarto, puxou as cobertas e subiu na cama. Estendendo a mão, ela desligou a luminária. O suave brilho noturno de fora banhou seu quarto em prata suave. Ela olhou para o teto escuro depois de puxar o cobertor.

— Por favor, não deixe ele me encontrar.



Cruce formou-se no canto, atraindo os tentáculos etéreos que o compreendiam na sombra patética de um corpo. A mortal na cama, Sophie, fechou os olhos, mas sua respiração sugeria que ela ainda não estava dormindo. Suas feições estavam tensas, e as últimas palavras que ela havia falado tinham um tom desesperado. Depois de ouvir sua conversa com Kate através do estranho dispositivo mágico em sua mesa, ele soube que Sophie estava sendo assombrada por algo.

*Por alguém.*

Seu desejo de protegê-la de suas emoções era desconhecido; A angústia de Sophie havia criado uma tensão dentro dele que não sentia desde antes de sua condenação, e ele não queria nada mais do que acalmá-la. Vê-la em tal estado não lhe trouxe nenhum prazer.

E, no entanto, seu passado, seus traumas, não tinham significado para Cruce. A vida dela foi medida no espaço entre as batidas de seu coração - ou teria sido, se ele tivesse um coração físico. *Tyler* tinha feito mal a ela em algum momento, mas esses humanos não deveriam ter sido nada para Cruce, apenas um sustento potencial.

Ele se aproximou da cama. Lá fora, as folhas farfalharam com o vento de outono e os galhos das árvores antigas rangeram e gemeram, mas aqui havia apenas o crepitar do fogo do cômodo ao lado e o som suave da respiração suave desta mortal. Levaria apenas alguns minutos para roubar aquele fôlego dela para sempre. Dado seu estado, isso não seria uma misericórdia?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Tiffany Roberts His Darkest Craving (2..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).